



O Antropoceno e as humanidades

Natanael de Alencar Santos¹

Resenha do livro:

MERCHANT, Carolyn. *The Anthropocene and the humanities - from climate change to a new age of sustainability*. New Haven & London, Yale Press, 2020.

As mudanças climáticas não são mais encaradas apenas como uma questão ambiental. As ciências duras têm se esforçado para criar condições de maior eficiência energética, encontrar e aproveitar fontes alternativas, além de construir e acompanhar indicadores – muitos dos quais apontam cenários nada animadores. Há evidências de que o impacto humano na biosfera constitui uma força geológica considerável e bastante desestabilizadora. Denominada Antropoceno, a nova época cronoestratigráfica que sucede o Holoceno² ainda é oficiosa para os especialistas, embora ganhe apoio crescente³. Contudo, consolida-se como uma noção interessante, capaz de ativar, congregar e atualizar uma série de discussões. Partindo desse contexto, Carolyn Merchant acredita que essa seja ainda uma ideia capaz de reconceitualizar as humanidades, sobretudo quando explicita a conexão entre destruição ambiental e o agravamento das circunstâncias de sobrevivência da espécie humana. Analisando como as questões do

1 Programa de Pós—Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar) – São Carlos – Brasil - alencar.sts@gmail.com. ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-8607-5120>

2 Datação disponível na tabela cronoestratigráfica elaborada pela Comissão Internacional de Estratigrafia. Disponível em: <<https://stratigraphy.org/ICSchart/ChronostratChart2017-02BRPortuguese.jpg>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

3 Como demonstram discussões e resoluções recentes do Grupo de Trabalho do Antropoceno, subcomissão da Comissão Internacional de Estratigrafia, disponível em: <<http://quaternary.stratigraphy.org/working-groups/anthropocene/>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Antropoceno são mobilizadas nos campos da arte, literatura, religião, filosofia, ética e justiça, a autora objetiva averiguar como elas podem ser *locus* de soluções criativas e engajamentos, pavimentando o caminho para uma existência mais sustentável.

Com foco em personagens (pensadores, cientistas, políticos, artistas) e obras anglófonas, especialmente no Reino Unido e Estados Unidos, o livro de Merchant é acessível e introdutório, voltado para a divulgação de uma série de pesquisas, indicadores, iniciativas públicas e avanços científicos. O livro não faz um trabalho exaustivo de recoleção minuciosa, nem oferece propostas teóricas densas, mas propõe explorar em algum nível o estado da arte da discussão que envolve o Antropoceno, bem como estimular a expansão de futuras investidas nos campos das humanidades, na medida em que indica associações relevantes e divulga experiências coletivas. Beneficiando-se de sua longa carreira acadêmica, a autora também retoma e sintetiza entendimentos alcançados em trabalhos anteriores, como sua principal obra, “*The death of nature: women, ecology, and the scientific revolution*”, publicado originalmente em 1980, na qual traça uma genealogia da ideia de natureza: de deidade materna e fonte de vida até a inerte e calculável armazém de recursos, no interior de uma visão mecanicista.

Antes de se deter em cada um dos cinco campos humanísticos mencionados acima, Merchant deslinda a história de origem do Antropoceno, seus marcos, alguns dissensos, nomenclaturas alternativas e uma variedade de ênfases de análise, bem como autores que têm se dedicado ao tema nas ciências humanas. Embora reconhecendo outras possibilidades, o momento chave ou ponto de partida escolhido pela autora para interpretar a mudança da marca humana na biosfera é a invenção do motor a vapor: em consonância com o que propõem os autores⁴ que popularizaram o termo, o ano de 2000. Por essa razão, Merchant recapitula brevemente uma série de avanços científicos, detidamente os da termodinâmica, pois permitiram a compreensão necessária para a posterior queima massiva de combustíveis fósseis e outras alterações que hoje caracterizam o Antropoceno. Essa escolha tem notável importância para os capítulos que discutem os campos da Arte e da Literatura no contexto anglófono e a maneira com que lidam com as mudanças climáticas.

Tanto as artes visuais quanto a prosa e a poesia apresentam um potencial, para a autora, de ampliar a percepção pública e instigar atitudes e mudanças políticas relevantes. Ao avaliar como o vapor e a fumaça, novos personagens

4 Crutzen, Paul J., and Eugene F. Stoermer. *The Anthropocene*. IGPP – International Geosphere-Biosphere Programme, Newsletter 41, 2000, p. 17.

do fim do Século XVIII e início do XIX, povoam pinturas, fotografias e enredos, Merchant encontra uma ambivalência sobre os efeitos da tecnologia: em um polo, a celebração do progresso humano; no outro, lamentação pelo declínio do meio ambiente. Percebe também as mudanças dos estilos e ritmos de vida, trabalho, produção, comércio e transporte. Mais do que uma contemplação dessas transformações, a arte e a literatura emergem como ferramentas para “refletir sobre os problemas do antropoceno e oferecer maneiras de introduzir mudanças que salvarão vidas humanas, não-humanas e natureza no futuro” (Merchant, 2020: 89).

Ao abordar o campo da Religião, a autora questiona qual o papel das principais religiões na “mitigação dos problemas das mudanças climáticas e de que formas a espiritualidade pode agir como um guia moral para ações individuais” (Merchant, 2020: 90). Em digressão histórica, aponta que o Cristianismo foi responsável em grande medida pela justificação do domínio e espólio do “novo mundo”. Contudo, tem ganhado força, no interior de suas estruturas, a consciência a respeito da sustentabilidade. A autora elenca compromissos e iniciativas amplas, tanto de instituições cristãs, como o fato de o Vaticano ter sediado conferências sobre mudanças climáticas recentemente, quanto de exemplos práticos e pontuais, como uma rede de mesquitas no Marrocos que instalou painéis de energia solar em centenas de unidades. No tocante às religiões orientais, a autora considera a noção de energia e de processo, constitutiva do budismo, taoísmo e hinduísmo, por exemplo, como ingredientes importantes para uma relação diferente entre humanos e a natureza, em que não há uma cisão de fato. Nesta seção, as religiões, em suas manifestações pragmáticas, *insights* teológicos e em seus conteúdos morais, são articuladas naquilo que possuem de potência a serviço de formas não depredadoras e como podem se colocar em prol de medidas restauradoras e que se preocupem com a qualidade da vida das gerações futuras.

Por sua vez, a Filosofia, o quarto campo das humanidades brevemente esmiuçado por Carolyn Merchant, deve passar por uma série de revisões diante das causas e consequências do Antropoceno. Estabelecendo uma linha do tempo a qual posiciona pensadores da antiguidade e concepções do mundo natural, ela articula o paradigma no qual a nova época geológica se estabeleceu. Entretanto, para ela, questões ontológicas, epistemológicas e éticas estão sendo reaccessadas e reconfiguradas, pois desafiadas por uma realidade cada vez mais complexa e imprevisível, por uma natureza autônoma, além do controle e ativa.

O último campo discutido é o da Ética e da Justiça. Na seção, são consideradas as molduras ou aproximações éticas de matriz geocêntrica/liberal,

homocêntrica/antropocêntrica e ecocêntrica/ecológica. A primeira, centrada no self, foca em deveres e benefícios individuais e é a ética ambiental do Antropoceno de fato. Já a segunda, centrada na sociedade, de caráter utilitarista, está na base dos esforços federais e da regulação estatal, como medidas de proteção ao meio ambiente, por exemplo. Já a última tem como centro o cosmo e se estabelece a partir das ciências ecológicas, primando pela “integridade, beleza e estabilidade da comunidade biótica”, como afirma Aldo Leopold, lembrado pela autora (MERCHANT, 2020, p. 130), um dos pioneiros da corrente conhecida por Ecologia Profunda.

Visto que as mudanças climáticas possuem impacto mais agudo em grupos marginalizados, faz-se necessário também novas teorias de justiça, mais pluralistas, oportunidade que os debates de uma justiça climática, que incorpora diversidade de valores e critérios tanto culturais quanto ecocêntricos, faz-se relevante. Ao abordar a questão climática como questão ética, Carolyn Merchant propõe, por fim, uma “*Ética da Parceria*”, segundo a qual o bem maior para comunidades humanas e não-humanas está situado na independência mútua de suas vidas. Participam dessa proposição ética os princípios de igualdade entre humanos e não humanos, consideração moral, o respeito à diversidade e o manejo ecológico consistente e implicado com a saúde de ambos, além da inclusão de mulheres, minorias e a natureza não humana nas considerações éticas (Merchant, 2020: 131).

Tomando por base a construção de conexões e encadeamentos em todo o “Antropoceno e as Humanidades”, a autora faz recomendações esperançosas ao acreditar que “podemos usar nosso conhecimento em ciência, tecnologia e sociedade, bem como nossas relações espirituais e éticas, de uns com os outros e com o mundo não-humano, para criar uma nova história para o futuro da Terra” (Merchant, 2020: 145). Essa nova história está, segundo ela, não apenas no impulso a modos de vidas sustentáveis e no arvoreamento de novas relações de gênero e de uma ética de parceria, mas também, e fundamentalmente, na superação da consciência mecanicista e na alteração de relações capitalistas de produção que constituem o Antropoceno.

O Antropoceno enfatiza a consanguinidade das dinâmicas socioeconômicas em interação com os domínios físico-químicos e biológicos na natureza, colocando em primeiro plano o descompasso entre eles, visto que a biosfera não é mais capaz de se recuperar nem reverter por si mesmas os impactos destrutivos. O seu desenrolar se dá em inúmeras esferas e numa escala de danos francamente desafiadora. O trabalho de Merchant rearranja interrogações, unificando uma série de dilemas de forma clara e com abundância de exemplos, ainda que

restritos ao recorte geográfico supracitado, com *insights* propositivos. É uma composição original, didática e especialmente encorajadora, pois incentiva aprofundamentos e inspira novas associações ou, em outras palavras, um rastreamento de alternativas.

Referências

MERCHANT, Carolyn. *The Anthropocene and the humanities - from climate change to a new age of sustainability*. New Haven & London, Yale Press, 2020.

MERCHANT, Carolyn. *The death of nature: women, ecology, and the scientific revolution*. San Francisco, Harper and Row, 1980 .

Recebido em: 05/04/2021

Aprovado em: 14/06/2021

Como citar esta resenha:

SANTOS, Natanael de Alencar. O Antropoceno e as humanidades. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 463-467.